

**TIAGO
TOY**

IGNÁCIA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

IGNÁCIA*

TIAGO TOY

2013

* Conto originalmente publicado na antologia **Fragmentos do Inferno**, pela editora Estronho.

Organizado por Rober Pinheiro e Sumaya Sarran. Prefácio de Claudio Brites.

ISBN: 978-85-64590-10-6

Ignácia faz parte de um emaranhado de contos, todos narrados no edifício Santa Eulália, onde cada autor recebeu um apartamento para construir sua história.

Saiba mais sobre o livro e adquira o seu em
<http://editora.estronho.com.br/index.php/fragmentos-do-inferno>

“Fragmentos do Inferno não é um livro de contos.

E o que é?

Uma novela. Daquelas de mistério, que não se compreende por fragmentos, onde não se pode piscar e o conjunto é o que nos leva ao mordomo. E, neste caso, o mordomo só poderá ser identificado pela arcada dentária.

Suba as escadas desse edifício e vá seguindo o caminho que os autores prepararam para você nesta novela coletiva, temperada com estilos tão diversos quanto as matizes da tinta a óleo derretendo no calor, os timbres dos gritos, as vidas na giralópole. E não se esqueça: mantenha-se hidratado e leia os Fragmentos do Inferno na sequência, porque este não é um livro de contos, é um caminho sem volta”.

Claudio Brites

O nome real é proibido mencionar, nem arrisque perguntar a idade. Nasceu por engano em uma cidadela no interior de SP. Já atuou, desenhou, dançou e cantou. Em 2009 foi pra capital em busca de seu destino com 50 reais e 30 mijos na mochila. Tem cicatrizes nos pés de tanto andar atrás de trabalho no início. Sempre que pode gruda na frente do notebook e passa horas escrevendo. Seu 1º livro surgiu por acaso há 2 anos – Terra Morta – e arrebanhou uma considerável e fervorosa legião de zumbis... Ops, fãs. Adora música, filmes, comer e dormir. Não gosta de barulho nem de pessoas efusivas. Tem certa dificuldade em dialogar conclusivamente... Na verdade, não gosta de dialogar.

Conheça o trabalho de Tiago Toy em <http://terra-morta.blogspot.com.br/>

© 2013 Tiago Toy
Todos os direitos reservados

Edição: Tiago Toy
Capa: Tiago Toy

<http://terra-morta.blogspot.com.br/>
tiago.toy@hotmail.com
www.facebook.com/tiagotoy
twitter: @tiago_toy

Estela sabia que não devia fumar ali, mas a nicotina a ajudava a se acalmar. Tragando, analisava as fichas sobre a mesa, próximas à plaqueta que a identificava a toda e qualquer criatura que entrasse no escritório: Estela Albuquerque – Diretora. Os olhos naturalmente esbugalhados passeavam pelas linhas, a sobrelha direita arqueada, fina e rala, e a cabeça tentando entender: por que ela não se adaptava?, enquanto a enxaqueca martelava as têmporas.

Pela janela, viu as crianças no playground. Era quase hora do almoço e nenhuma parecia estar com fome. Pulavam, corriam, gritavam. Estavam felizes, um raro momento em que esqueciam sua condição de abandonados. O Lar da Criança Favos de Luz abrigava menores vítimas de abandono ou maus-tratos. Estela era rígida, séria, muitas vezes tomada como arrogante, mas amava aquelas crianças. Se pudesse levaria todas para sua casa. No entanto, o máximo que podia fazer era procurar lares onde seus anjos pudessem viver felizes e saudáveis. Já encaminhara várias crianças para ótimas famílias e se lembrava das despedidas envoltas em lágrimas de alegria. Naquele momento, porém, lembrava-se não de uma ou duas ou três, mas das seis despedidas da pequena Ignácia.

Estela a procurou em meio à algazarra, mas sabia que ela não estaria lá. Apesar de calma e dona de um sorriso radiante, Ignácia não se enturmava. Nunca! Estela já desistira de entender a antipatia que os órfãos pareciam nutrir por ela. A menina tinha nove anos e fora adotada pela primeira vez aos cinco. Os pais em potencial logo se apaixonavam pela carinha de querubim de Ignácia. Os olhos brilhantes e expressivos não demonstravam timidez alguma. Estela não se recordava de nenhuma mulher que resistira a enrolar os dedos nos cachinhos da menina. Era amor à primeira vista. Amor esse que acabava rápido, quando não se transformava em qualquer outro sentimento que a fazia receber de volta a eterna órfã.

Ignácia não demonstrava tristeza, tampouco aborrecimento. Apesar das rejeições, mantinha o lindo sorriso entre as bochechinhas rosadas e corria para seu quarto, sempre abraçada a Maylon, um urso de pelúcia marrom quase do seu tamanho. Faltava-lhe um olho e a costura da boca estava solta, mas Estela sabia que tentar separá-los seria o mesmo que matar seu sorriso.

Os casais nunca eram claros em suas explicações. Tentavam dar motivos

para a devolução, mas Estela apenas ouvia aquele blá-blá-blá repetitivo. Lembrava-se da felicidade com que levavam Ignácia e não acreditava na frieza com que a traziam de volta. Nas primeiras vezes, tentara conversar com a menina, perguntar se havia sofrido maus-tratos ou se fizera algo que os aborrecera. Ignácia sorria timidamente e respondia apenas com um singelo “não sei”.

Há alguns meses, ela havia voltado pela última vez. Passava a maior parte do tempo sozinha, desenhando, lendo as figuras dos livros ou deitada, agarrada a Maylon. Diversas vezes, Estela a encontrou absorta, por horas a fio, em conversas com seu único amigo.

Deu mais uma baforada, lançando um jato de fumaça sobre a montanha de papéis, e ouviu as batidas na porta.

– Só um minuto. – disse apressada, apagando o cigarro e jogando-o no lixo. Abanou o ar, na tentativa de livrar-se de qualquer indício, mas o cheiro permaneceria. Com uma expressão séria, sem dar margem para questionamentos quanto àquele odor, voltou a verificar as fichas. – Pode entrar.

Mal terminada a frase, a porta se abriu e um rapaz alto e moreno, de trejeitos afetados, irrompeu escritório adentro. Trazia uma pasta amarela nas mãos e um grande sorriso encavalado acima do queixo protuberante.

– Dona Estela, a senhora não vai acreditar!

– O que foi, Reynaldo? – estava acostumada ao jeito exagerado do assistente social e nem lhe prestou muita atenção.

– Encontrei uma parenta do pai de Ignácia.

Estela arregalou ainda mais os olhos, quase os fazendo saltar das órbitas, e largou os papéis.

– Como assim? Sabemos que ela não tem tios, nem nada.

– Mas tem tios-primos de quarto grau.

O receio de ser mais um ponto sem nó de Reynaldo deixou Estela com um pé atrás. O assistente percebeu a desconfiança em seu olhar e continuou, balançando a pasta.

– Antes de mostrar as fichas, quero que você se lembre do quanto queremos que Ignácia seja adotada por alguém que a ame de verdade.

Talvez não tenha dado certo com os vários que tentaram exatamente por causa disso, falta de um parentesco. Talvez seja um sinal. Apesar de alguns detalhes, acredito que eles possam fazê-la se sentir em uma família.

Estela não entendeu porque Reynaldo estava enrolando tanto. A desconfiança aumentou.

– Vá direto ao ponto, homem.

Encarando-a por algum tempo, Reynaldo abriu a pasta e exibiu a ficha de Mônica Volquimar. Tinha vinte e seis anos, trabalhava no Banco HSBC e morava no Centro de São Paulo, em um ponto nada convidativo. Estela, enfim, entendeu.

– Não podemos mandar Ignácia para esse lugar. Você viu onde essa mulher mora?

Reynaldo sabia que Mônica vivia próxima à região da Cracolândia e temia que Estela não enxergasse além.

– Eu fui criado naquela região e garanto que não sou nenhum viciado. Sou? Ou você acha que todos que vivem ali são marginais? – Reynaldo abandonara o sorriso e adquirira um ar mais sério, ofendido. – A menina já foi para vários bairros de São Paulo, dois sendo de classe alta, e pra quê? Pra estar, nesse momento, enfurnada naquele quarto, sozinha, conversando com aquele urso rasgado! É assim que você quer que ela continue até os dezoito anos? Se for o caso, os danos serão maiores do que se ela viver onde essa mulher mora.

A tensão tomou conta do escritório. Estela fuzilou Reynaldo, enquanto batia as unhas na mesa. O assistente engoliu em seco e quase se arrependeu de ter falado naquele tom, praticamente cuspidando as palavras.

– Tudo bem. – Estela concordou, por fim. No entanto, antes que o sorriso desproporcional se formasse no rosto do assistente, ela levantou um dedo.

– Mas antes de contar à Ignácia, vamos marcar uma entrevista com essa Mônica e descobrir se, apesar de viver onde vive, ela tem condições de criar uma criança. Afinal, é esse o nosso trabalho.

– Já tenho o telefone.

Reynaldo saltitou pra fora da sala, enquanto Estela sorria discretamente e acendia outro cigarro.

Em um quarto onde o sol tentava entrar pelas frestas semiabertas da veneziana, Ignácia, de cócoras no chão, acendeu um fósforo. A formiga tentou mudar a direção, mas a cabeça em chamas do pedacinho de madeira a alcançou. A menina ouviu o quase inaudível crepitar e assistiu a formiga tremelicar duas vezes antes de cair, torrada. Com um sorriso

sapeca no rosto de anjo, ela lançou uma piscadela para o urso sobre a cama.

Mônica e seu marido, Eduardo, aceitaram a adoção sem pestanejar. Mônica era uma mulata linda, de corpo violão e cabelos encaracolados com pontas amareladas. Eduardo, pelo contrário, era muito branco. Mantinha os cabelos lisos e escuros em um discreto topete e andava ligeiramente encurvado.

Estela os convocara para uma entrevista em uma quente tarde de sábado. Foi clara sobre quase hesitar em procurá-los devido à localização de seu apartamento. O que a convenceu foram os ótimos empregos do casal. Questionou sobre a moradia e ficou feliz ao saber que eles possuíam uma interessante economia guardada, dinheiro esse destinado à compra de um apartamento em Santana, zona norte de São Paulo, para o qual se mudariam em alguns meses. Aliviada, mas nem assim despreocupada, Estela firmou um acordo. Ignácia passaria duas semanas com eles, então, voltaria ao lar de adoção e, somente quando se mudassem para o apartamento, o casal teria sua guarda definitiva. No fundo, Estela queria saber se Ignácia se adaptaria.

Acordo fechado, os dois foram apresentados à Ignácia, que só os conhecia através das fotos mostradas pelo assistente.

Eduardo e Mônica se apaixonaram pela pequena. Pudera, a menina era uma boneca viva. A pele branca como marfim contrastava com os cabelos cacheados cor de cobre. Sob a luz, seus olhos amendoados adquiriam uma linda nuance esverdeada. Sem que Ignácia ouvisse, Mônica questionou a diretora do orfanato sobre as cicatrizes no braço esquerdo da menina. Ao explicar sobre o incêndio que matara seus pais, Estela se espantou com a praticidade da resposta da mulher.

– Nada que uma plástica não resolva.

Na semana seguinte, Ignácia chegou ao apartamento 41 do edifício Santa Eulália.

Mônica não disfarçava a ansiedade. Um sorriso nervoso permaneceu estampado em seu rosto durante todo o trajeto. Parecia não notar o ar de contentamento da menina.

Assim que entraram, logo encontraram umas das moradoras em sua eterna vigília.

– Bom dia, Dona Mônica. Seu Eduardo.

Sem fingir simpatia, Mônica se limitou a um breve aceno, porém se conteve quando Ignácia parou em frente à velha.

– Meu pai Oxalá, mas quem é essa criaturinha linda que está com você?

– Ela se chama...

– A senhora tem um sorriso bonito. Eu gosto. – interrompeu a garota, aproximando-se.

Dona Neuza não pareceu surpresa com o elogio. Encurvou-se de modo limitado e enrolou o indicador gordo nos cachos sedosos, roubando uma risadinha de Ignácia.

– Oh, mais você é muito gentil, minha filha! – e, erguendo a cabeça – É sua sobrinha?

Mônica torceu o nariz. Além de não gostar de dar satisfação a curiosos, nutria uma aversão especial por aquela velha mexeriqueira. Algo em Dona Neuza, sua religião talvez, o candomblé, a tirava do sério. Não que fosse uma questão de preconceito, dizia sempre para si, mas também não queria sua filha frequentando a casa de gente daquele tipo. Dona Neuza, talvez percebendo que não obteria resposta, continuou.

– Você aceita um doce, minha filha?

Porém, antes que Ignácia pudesse responder, Mônica interviu.

– Dona Neuza, acabamos de chegar do... Da rua, e Ignácia está cansada. Se nos der licença... – e, de modo delicado, mas enérgico, puxou a menina pelo braço, tentando não parecer rude.

– Seja bem-vinda, minha filha. – gritou, antes que as duas desaparecessem escada acima.

O primeiro lugar ao qual Mônica a levou foi ao seu quarto. O ambiente era mal iluminado e estava quase que completamente decorado com a cor preferida da menina: vermelho. Estava impecavelmente limpo, sem aquele costumeiro fedor de mofo que impregnava as paredes. Dona Georgina realmente havia caprichado na limpeza.

– Gostou? – Mônica parecia mais criança do que a própria Ignácia. Falava de modo infantil, em uma voz demasiado doce. – Como você disse que gostava de vermelho...

Abraçada a Maylon, a menina seguiu em direção à cama e passou a mão queimada sobre os babados da colcha. Deu um pulo sobre o colchão e colocou o urso cuidadosamente ao lado dos travesseiros. Ignorou o resto do quarto, enquanto encarava o único olho do urso.

Mônica encarou Eduardo, os olhos tensos. Ele, que não era muito de falar, pigarreou. Ignácia se voltou para o casal com um sorriso de aprovação.

– Gostamos.

Mônica entrou na sala com uma bandeja. Trazia uma jarra de suco de laranja e alguns doces comprados na padaria. Ignácia não esperou o convite e atacou um sonho. Eduardo a observava, calado, deitado em uma poltrona de couro e com os pés sobre um apoio.

– Está muito gostoso. – Uma mancha branca enfeitava seu queixo. Mônica se aproximou e limpou-a com um guardanapo, sentando-se ao seu lado.

– Gostou mesmo daqui?

– Sim. Aqui é muito bonito. – e deu outra mordida no doce.

Eduardo riu do inocente comentário.

– Isso porque você não viu o nosso futuro apartamento.

Apontou para um painel acima de sua cabeça. Nele, recortes dos mais variados tipos emolduravam a foto de um apartamento de luxo com vista para um bosque. Ao redor, imagens de móveis de alto padrão, objetos decorativos e até de um filhote de São Bernardo.

Ignácia deixou o sonho de lado e observou o painel atentamente. Analisava cada detalhe. Mônica, impaciente, achou que a menina demorara muito para perguntar do que se tratava e foi logo explicando.

– Esse é o Painel das Metas. – a menina continuou olhando, muda. Mônica mantinha um sorriso nervoso nos lábios carnudos e se animou quando a menina fez um movimento. Ao perceber que ela se interessara mais pelo suco, suspirou. – Aqui o Du e eu colamos recortes de como queremos que seja nosso apartamento e o que queremos nele.

– Até o cachorrinho? – finalmente Ignácia falou.

– Até o cachorrinho, que vira um cachorrão depois. – Eduardo brincou.

– Não gosto de cachorrão. Prefiro um gatinho. Vocês preferem um cachorrão ou um filho?

Eduardo e Mônica foram pegos de surpresa pela pergunta. Ignácia tomou um gole de suco, sem dar importância ao momentâneo silêncio.

– Preferimos os dois, claro. – Mônica se adiantou, enquanto Eduardo enfiava alguns biscoitos na boca. – Podemos cuidar de um cachorro e de uma menina linda como você.

– Não sou linda.

Nesse momento, Ignácia abaixou a cabeça. O casal se entreolhou, sem saber o que falar. Faziam ideia do motivo de sua tristeza repentina.

– Claro que você é linda, Ignácia. – Mônica elogiou, na costumeira voz infantil. – É uma menina perfeita.

– Não sou não. Pessoas perfeitas não têm defeitos.

Mônica, que estava parada ao lado do painel, foi até a garotinha e se ajoelhou, pegando seu braço com a cicatriz.

– Isso não é defeito, querida. E nós vamos resolver isso pra você. – lançou um sorriso ao marido. – Seria uma surpresa, um presente de nós dois.

Ignácia a encarou, curiosa.

– Nós estamos vendo alguns médicos para te deixar perfeita.

Mônica sorriu e alisou o braço da menina, que continuava encarando-a com ar de interrogação.

– Tem doutor que faz a gente crescer?

– Como assim, querida?

– Você disse que o doutor vai curar meu defeito.

– De qual defeito estamos falando? – Mônica se perdera completamente.

– Eu sou muito baixinha!

Eduardo explodiu em gargalhadas, a boca cheia de biscoitos, deixando Ignácia ligeiramente ofendida. Mônica emudecera. – Se é esse seu defeito, menina, a cura é comer muito arroz com feijão. – Eduardo continuava rindo. – E isso não vai faltar.

– Então, tá bom. – Ignácia voltou a sorrir e engoliu o último pedaço de sonho, deixando Mônica corada.

Eduardo e Mônica haviam explicado a situação em seus trabalhos e conseguiram uma semana de folga. Ele era gerente de vendas em uma empresa de telemarketing, então, não tivera dificuldade em se dar uma folga. Mônica, pelo contrário, ainda era caixa no banco e experimentara certa relutância por parte da gerente em conceder-lhe as faltas, fazendo-a assinar um papel onde se comprometia a trabalhar dobrado quando voltasse.

Dois dias depois da chegada de Ignácia, Eduardo estava na poltrona lendo um jornal enquanto Mônica havia ido ao mercado com a menina. Pegando o controle remoto no braço da poltrona, ligou a TV assim que a novela da tarde começou. Depositou o jornal sobre a mesa de centro e apoiou os braços atrás da cabeça. Ficou tão entretido com novelas que levou um tempo até ouvir a voz da esposa.

– Eduardo! – estava gritando. – Apaga isso!

Ele demorou a entender o que acontecia. Colocara o jornal sobre o cinzeiro com uma bituca de cigarro ainda acesa, o que dera início a um pequeno incêndio. Haviam combinado de tomar cuidado com fogo perto de Ignácia. Eduardo levantou num pulo e se atrapalhou ao apagar o fogo, sujando o tapete com cinzas. Mônica lançou-lhe um olhar repreensivo, e a menina, que estava no corredor, bloqueada pela nova mãe, conseguiu entrar e vislumbrou os últimos resquícios de chamas.

– Me desculpe por isso, Ignácia.

Eduardo estranhou o sorriso da menina, não em resposta ao seu pedido, mas fitando o jornal queimado.

– Você viu meu isqueiro?

Enrolado em uma toalha, Eduardo encostou a porta do quarto. Mônica estava fazendo contas com uma calculadora, enquanto rabiscava um bloco de notas.

– Depois diz que não é distraído. – Ela ainda não perdoara o deslize ocorrido à tarde. – Talvez tenha queimado junto com o jornal.

Eduardo estava acostumado ao gênio da esposa. Ela sempre fora do tipo que jogava as coisas na cara, por menores que fossem. Decidiu ignorar seu mau humor e foi ao guarda-roupa, vestir o pijama. Deitando-se, acariciou os cachos da esposa.

– Ela é linda, não é?

Mônica pensou em empurrar sua mão, mas decidiu-se por uma trégua.

– Muito. Parece uma bonequinha. – fechou o bloco e deu-lhe um beijo. – É perfeita.

A menção da palavra perfeita deixou-o com um olhar vago. Mas o que tinha em mente guardou para si. A mulher percebeu e alisou seus cabelos.

– Foi melhor assim, meu amor. Você sabe que, se tivesse nascido, ele teria nos dado muito trabalho.

Eduardo não a encarava, mas ela pôde ver seus olhos marejados.

– Além disso, ele teria sido infeliz. Uma criança defeituosa não se adapta. Você ia querer ter que lidar com tantos problemas, mais do que já temos? Olha a Angélica. Você ia gostar que nosso filho fosse como ela, largada naquela cama, sendo cuidada por uma criatura que se diz enfermeira, mas que não tá nem aí pra ela? Ou você acha que aquela Valesca se importa se a menina está bem ou não?

Eduardo continuou em seu mutismo.

– Os Silva se matam de trabalhar, e tudo pra quê? Pra manter a filha semiviva, na esperança de que algum dia ela se levante daquela cama e... Mônica emudeceu. Deu mais um beijo e enxugou a lágrima que rolou pela face do marido.

– Olha o presente que ganhamos. Nem eu fazia ideia desse primo distante. Às vezes, Deus nos tira pessoas especiais para nos dar outras melhores. Ignácia perdeu os pais, mas nos ganhou. E nós perdemos... – Não conseguiu continuar diante do olhar repentino de Eduardo.

– Nós escolhemos perder, você quer dizer. Aborto é premeditado, Mônica. Se Eduardo fosse como a mulher, de jogar as coisas na cara, diria que foi ela quem escolheu abortar. Sabia que isso a magoaria, então, optou pelo silêncio. Preferia sofrer sozinho, sabendo que o veria em seus pesadelos. Apagou o abajur do seu lado e virou sem dar boa noite.

Ignácia tirou o isqueiro de baixo do braço de Maylon, onde um pequeno rasgo servia de esconderijo. Admirou o objeto por alguns minutos e rolou a pedra. Arfou de surpresa diante da pequena labareda que surgiu. Curiosa, escorregou o dedo e tentou novamente, sorrindo ao descobrir o segredo daquele objeto. Agora poderia dispensar as caixas de fósforo e Maylon não se sentiria tão incomodado.

O olho do urso brilhava diante do fogo, a boca costurada com uma linha vermelha em forma de sorriso. Ignácia manteve o dedo pressionado e aproximou o isqueiro. Viu alguns pelinhos de Maylon chamuscando. Foi queimando e queimando e queimando, até que parte de seu braço esquerdo adquiriu uma marca escura. Uma marca igual à sua.

O vidro de óleo se espatifou no chão. Mônica se conteve para não xingar; já não bastasse ter de cozinhar, ainda tinha que aguentar aquilo. Como

odiava panelas, potes e aquele inferno todo.

– Está tudo bem aí, querida? – a voz de Eduardo veio da lavanderia que agora, depois da chegada de Ignácia, servia como depósito para as suas tranqueiras.

– Não foi nada.

Ela tampou a panela onde preparava a costela e foi até a lavanderia. Pegou um pano velho e, ao sair, encostou a porta. O barulho que Eduardo fazia a irritava ainda mais.

Mal se abaixou para limpar a sujeira e ouviu gritos. Deixou o pano próximo à poça de óleo e foi até a sala, acreditando ser a TV. O cômodo estava vazio. Ignácia devia estar no quarto, como sempre. Escutou por um tempo, mas não ouviu mais nada.

De volta à cozinha, se preparou novamente para limpar o chão, porém o cheiro de queimado a assustou. Correu até a panela e a tirou do fogo. Prevendo que teria que cozinhar tudo novamente, estranhou ao ver a carne longe de estar pronta. Cheirou o ar em busca do foco do odor forte. Foi quando, mais uma vez, ouviu os gritos. Vinham do corredor. *O que será que aquela louca daquela crente está aprontando agora?* – pensou. Desconfiada, correu de volta à sala e não acreditou ao encontrá-la tomada pela fumaça. Da fresta da porta emanava uma luz. Era fogo. Antes que pudesse pensar em chamar Eduardo, a tomada da TV explodiu, originando um incêndio que logo tomou conta das cortinas.

– EDUARDO!

Mônica disparou pela cozinha, desesperada. Ao passar pelo óleo, escorregou e se chocou contra a porta da lavanderia, que bateu com um forte estrondo. A pancada foi certa em sua testa, formando instantaneamente um galo. Levantando-se, sentiu uma dor aguda no joelho e conteve o grito ao perceber um pedaço de vidro cravado na perna.

– Edu...

Encostada contra a porta, Mônica ouviu o marido chamando.

– Mônica, por que você me trancou?

Via a maçaneta girando, mas a porta não abria.

– Edu, o prédio está pegando fogo.

– O quê?

– Fogo!

Um momento de silêncio e, em seguida, as batidas se intensificaram.

– Mônica, abre a porta! – Eduardo começou a se alterar.

Com dificuldade, ela levantou e girou a maçaneta. Era como se estivesse trancada.

– Não consigo...

– Abre essa porta, porra!

– EU NÃO CONSIGO!

Mônica gritou ao ouvir o primeiro chute. Em seguida, começaram os socos e pontapés.

– Pega a menina e sai daqui. – Eduardo gritou.

– Mas Edu... E você? – ela começou a chorar.

– Eu me viro. Vai. Rápido!

Amedrontada, Mônica quase escorregou novamente no óleo quando o exaustor se incendiou. Mancando, atravessou a sala tomada pelo fogo. Faíscas e estampidos fortes vinham da TV. Engasgando com a fumaça, cruzou o corredor com a mão na boca, abafando os gritos.

– Ignácia! Onde você está? Temos que sair daqui!

A porta do quarto estava com a base negra. Mônica pegou a maçaneta e gritou de dor. Seus dedos haviam queimado. Pegou um quadro da parede e forçou a maçaneta para baixo, encontrando o quarto envolto em fumaça negra.

– IGNÁCIA?

Era impossível enxergar qualquer coisa, além de um fogaréu no lado esquerdo. Havia também uma barreira de chamas que a impediam de se aproximar da cama. Mônica enxergou a silhueta de Ignácia sobre os travesseiros. Devia estar apavorada.

– Ignácia, vem pra cá, meu amor. Não precisa ter medo.

A menina permanecia imóvel. Mônica temeu que fosse tarde. Tentou chegar mais perto, mas teve a impressão de que o fogo se curvou em sua direção e se afastou. Teve a ideia de buscar água.

– Aguenta mais um pouco que eu já volto!

A situação no corredor havia piorado. As fiações haviam sido atingidas pelo fogo e a fumaça a impedia de encontrar a saída. Mônica bateu as paredes, as mãos ardendo a cada toque, e quase não conseguia respirar. A sala havia se transformado em um inferno. A TV explodira, alastrando o fogo. A poltrona de Eduardo não mais existia. Mônica sentiu o coração apertar ao descobrir que os recortes do Painel das Metas tinham sido

reduzidos a cinzas. O fogo tomara conta também da cozinha, impedindo-a de conseguir a água. Restava uma última tentativa.

Mais uma vez ela atravessou o corredor, ignorando a dor lancinante nos pulmões, e chegou ao banheiro. Vasculhou por algo com que pudesse carregar a água e encontrou apenas um balde meio quebrado. Encheu-o até onde foi possível e correu até o quarto de Ignácia, despejando a água sobre a cama.

– IGNÁCIA? – gritou, ao perceber que o balde não seria de muita ajuda.

O quarto era rapidamente consumido pelo fogo, mas a cama permanecia intacta. Ignácia continuava lá, cercada pelas chamas, imóvel, muda. Em seu desespero, Mônica concluiu que não havia mais o que fazer e desistiu. No momento em que voltou ao corredor a janela explodiu.

Chorando e tossindo, só percebeu que estava com os cabelos em chamas quando chegou à sala. Tentou apagar com tapas, mas o calor na cabeça só fez aumentar.

– Eduardo...

Desnorteadada, tropeçou nos próprios pés quando uma explosão sacudiu o edifício, indo em direção à janela arreventada. Puxando os cabelos, não conseguiu se segurar no parapeito e caiu. A última coisa que sentiu foi o couro cabeludo queimando enquanto caía. De repente, não sentiu mais nada.

Ignácia havia queimado completamente o braço esquerdo do urso. O cheiro forte não a incomodava, pelo contrário, aumentava seu sorriso. Escondido entre a parede e a cabeceira havia um vidro, onde jaziam inúmeros insetos torrados. Após alguns dias, eles não apareceram mais no quarto. Talvez soubessem o que os esperava. Diversas vezes, Ignácia saía escondida para o corredor, onde os encontrava, principalmente durante a madrugada.

Encarando Maylon por alguns minutos, ela o deixou sobre os travesseiros e saiu, o isqueiro no bolso da calça. Mônica havia chegado do mercado há algum tempo. Sabia que não a chamaria até a hora do jantar. O casal aprendera a dar a privacidade que ela precisava. Nas pontas dos pés, saiu do apartamento.

Seguindo o rodapé do corredor, não encontrou inseto algum. Passou pela porta da mulher estranha do 42, que a olhava como se ela fosse um

pequeno monstrinho, e desceu as escadas para o andar inferior. Antes que pudesse se declarar frustrada, avistou algo se movendo no fim do corredor. Curiosa, seguiu até a escada, onde avistou uma aranha descendo os degraus. Não era uma aranha normal. Parecia aquelas dos filmes, grandes e cabeludas. Os olhinhos amendoados brilharam e o isqueiro acendeu. Sem se preocupar com segurança, Ignácia desceu os degraus aos pulos. A aranha seguiu pelo andar inferior mais rápido, fugindo das investidas da garota. Quando conseguia se aproximar, o bicho disparava e ganhava vantagem, descendo mais um lance de escadas. A perseguição durou pouco. Logo, ela se viu diante da porta de Dona Neuza, estranhamente fechada àquela hora da noite, e viu a aranha sumir pela porta de saída. Decidida, Ignácia foi atrás, abandonando o Santa Eulália.

A multidão de curiosos se aproximou do corpo. A cabeça da mulher estourara com o impacto. Pouco do cabelo restara, exibindo o couro cabeludo deformado. Uma senhora desmaiou, enquanto outras pessoas gritavam. Apesar da cena chocante, mais pessoas chegavam, umas atentas às labaredas cada vez maiores, outras às vítimas que eram expulsas, vivas ou mortas, do edifício. A curiosidade diante da tragédia só aumentava. Em meio ao grupo que crescia a cada minuto, Ignácia assistia ao fogo consumir o edifício. Agarrada a um gato que escapara das chamas e que lhe fora entregue por um dos homens fardados que jogavam água no prédio, observava tudo com olhinhos brilhantes. Com uma das mãos, tirou do bolso uma aranha por uma das pernas, torrada. O gato deu uma patada no bicho morto.

Um sorriso surgiu no rostinho de anjo.